

ARTIGOS

Submetido 21-10-2021. Aprovado 31-01-2023

Avaliado pelo sistema double blind review. Editor Associado *ad hoc*: Jens Gammelgaard

Revisores: Asmund Rygh , University of Manchester, Manchester, United Kingdom. Um dos avaliadores não autorizou a identificação de sua identidade e o relatório de avaliação.

Relatório de revisão por pares: O relatório de revisão por pares está disponível neste [link](#)

Versão traduzida | DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020230404x>

CONTRIBUIÇÕES DOS NEGÓCIOS INTERNACIONAIS A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL: UMA REVISÃO CRÍTICA

Contributions of international business from a postcolonial perspective: A critical review

Aportes de los negocios internacionales desde una perspectiva poscolonial: una revisión crítica

Nádia Campos Pereira Bruhn¹ | nadiacbruhn@gmail.com | ORCID: 0000-0001-8607-7081

Marco Túlio Dinali Viglioni² | marcotuliodinali@gmail.com | ORCID: 0000-0002-5706-9821

Juciara Nunes de Alcântara² | juciara.alcantara@ufla.br | ORCID: 0000-0003-3565-9000

Mariane Figueira² | mariane.figueira@gmail.com | ORCID: 0000-0003-4680-5608

Cristina Lelis Leal Calegario² | ccalegario.ufla.br | ORCID: 0000-0003-2579-8744

*Autor correspondente

¹Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Gestão Ambiental, Pelotas, RS, Brasil

²Universidade Federal de Lavras, Departamento de Administração e Economia, Lavras, MG, Brasil

RESUMO

A literatura dominante sobre negócios internacionais tem desempenhado um papel fundamental em um processo internacional assimétrico ao priorizar o poder hegemônico e o domínio dos países desenvolvidos. As práticas desse imperialismo, especialmente por empresas multinacionais, estão tradicionalmente enraizadas em legados coloniais. Este artigo, portanto, tem como objetivo revisar a pesquisa teórica e empírica sobre negócios internacionais sob a perspectiva crítica do pós-colonialismo. Os resultados mostram que as empresas multinacionais possuem vantagens sobre o país anfitrião, sugerindo, ainda, traços de domínio entre colonizadores e ex-colônias. Especificamente, os resultados mostram que tópicos sobre linguagem, escravidão, mecanismos de controle e imperialismo e capitalismo são dominantes no campo dos negócios internacionais, sugerindo um forte efeito do colonialismo histórico nas atividades comerciais internacionais. A análise crítica fundamentada em perspectivas pós-coloniais e de negócios internacionais chama a atenção para algumas vertentes negligenciadas, senão intocadas, com lacunas substanciais no conhecimento prevalente, abrindo novos caminhos para pesquisas futuras.

Palavras-chave: Negócios internacionais, multinacionais, colonialismo, pós-colonialismo, teoria pós-colonial.

ABSTRACT

The mainstream literature on international business has played a key role in an asymmetric international process by prioritizing hegemonic power and dominance of developed countries. Practices of this Imperialism, especially by multinational companies, are traditionally rooted in colonial legacies. This article reviews the theoretical and empirical research on international business from the critical perspective of post-colonialism. The findings show that multinational enterprises possess advantages over their host country, suggesting further traces of dominance between colonizers and former colonies. Specifically, findings show that topics around language, slavery, control mechanisms, imperialism, and capitalism are dominant in the field of international business, suggesting a strong effect of historical colonialism on international business activities. The critical analysis grounded on post-colonial and international business perspectives draw attention to some neglected, if not untouched, strands with substantial gaps in the prevalent knowledge, opening new avenues for future research.

Keywords: International Business, multinationals, colonialism, post-colonialism, postcolonial theory.

RESUMEN

La literatura dominante sobre negocios internacionales ha jugado un papel clave en un proceso internacional asimétrico al priorizar el poder hegemónico y el dominio de los países desarrollados. Las prácticas de este imperialismo, especialmente por parte de empresas multinacionales, están tradicionalmente arraigadas en legados coloniales. Este artículo, por lo tanto, tiene como objetivo revisar la investigación teórica y empírica sobre los negocios internacionales desde la perspectiva crítica del poscolonialismo. Los hallazgos muestran que las empresas multinacionales poseen ventajas sobre su país anfitrión, lo que sugiere más rastros de dominio entre los colonizadores y las excolonias. Específicamente, los hallazgos muestran que los temas relacionados con el idioma, la esclavitud, los mecanismos de control, el imperialismo y el capitalismo son dominantes en el campo de los negocios internacionales, lo que sugiere un fuerte efecto del colonialismo histórico en las actividades comerciales internacionales. El análisis crítico basado en las perspectivas poscoloniales y de negocios internacionales llama la atención sobre algunos aspectos descuidados, si no intactos, con brechas sustanciales en el conocimiento predominante, abriendo nuevas vías para futuras investigaciones.

Palabras clave: Negocios Internacionales, multinacionales, colonialismo, poscolonialismo, teoría poscolonial.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, os estudos de Negócios Internacionais (NI) tiveram um desenvolvimento significativo e emergiram como um conceituado campo para o entendimento das atividades internacionais de corporações multinacionais (EMNs) (Meyer, 2017; Yeganeh, 2020). Um grande número de estudiosos de NI examinou os determinantes que levam as empresas a exercer atividades para além das fronteiras de seus países de origem, como a atratividade da localização, as vantagens relacionadas a estrutura de propriedade específica da empresa e suas competências específicas, o modelo Uppsala e as vantagens das companhias em um país anfitrião (Buckley & Casson, 1976; Dunning, 1998; Hymer, 1960; Johanson & Vahlne, 1977). Além disso, a literatura dominante sobre NI frequentemente prioriza a atividade e os determinantes de desempenho das EMNs em diferentes países anfitriões (Buckley, 2021), enquanto estudos argumentam que as economias emergentes apresentam problemas institucionais (Jacob et al., 2022; Peng, 2003) que podem prejudicar suas atividades.

Assim, o campo de NI foi originalmente desenvolvido com base no comportamento de empresas de países desenvolvidos, especialmente dos Estados Unidos e de países do continente europeu (Guedes & Faria, 2010). Os estudos convencionais de NI fornecem as condições necessárias para dominar práticas e “culturas” locais e introduzir/transferir teorias e conhecimentos “globais” (Ibarra-Colado et al., 2010). Isso permite a expansão do espaço neoimperial por meio da teoria dominante da globalização e, assim, acelera rapidamente o mundo para o estágio de homogeneidade global (Boussebaa & Morgan, 2014; Fatehi & Taasobshirazi, 2020). Alternativamente, o campo de NI ganhou novo impulso a partir do ano 2000, quando estudos desenvolvidos sobre perspectivas críticas começaram a discutir a lógica universal dentro dos estudos de NI, enfatizando visões de diferentes países, culturas e valores (Banerjee & Linstead, 2001; Cairns, 2019).

Existe um entendimento de que o progresso científico no campo – a exemplo do surgimento da revista *Critical Perspectives on International Business (CPoIB)* – deu impulso para o desenvolvimento de estudos críticos relevantes sobre NI (por exemplo, Roberts & Dörrenbächer, 2012) para ganhar força, quantidade e amplitude geográfica contra a teoria convencional. Desde então, esses estudos vêm argumentando que a pesquisa sobre NI contribui reforçando o domínio e perpetuação dos países desenvolvidos sobre os ainda em desenvolvimento, porém, sem considerar os amplos impactos sociais e econômicos significativos de suas atividades (Cairns, 2019). No entanto, a pesquisa ainda carece de interesse e extensão em confrontar as externalidades das atividades das EMNs, especialmente em economias emergentes, amplamente exploradas em face de seus laços coloniais com nações imperiais (Boussebaa & Morgan, 2014; Glaister et al., 2020; Meouloud et al., 2019; Sayed & Agndal, 2022).

Apesar de todos os esforços e contribuições de pesquisas anteriores (por exemplo, Roberts & Dörrenbächer, 2012, 2014), foi aplicada menos ênfase na relação entre a atividade de NI e o pós-colonialismo. Então, os principais estudos de NI ainda permanecem obscuros e carecem de objetividade na abordagem de como as atividades de NI e EMNs estão intimamente

ligadas à paisagem colonial do passado. Para preencher essa lacuna, esse artigo busca revisar a literatura teórica e empírica sobre NI a partir da perspectiva crítica do pós-colonialismo. Ao selecionar especificamente os campos de NI e pós-colonialismo (Dörrenbächer & Gammelgaard, 2019; Westwood & Jack, 2007), estabelecemos o escopo da análise na esperança de esclarecer as contribuições dos estudos de NI propondo uma revisão e agenda de pesquisa futura. Nossa motivação decorre da constatação de que a maioria desses estudos se apoia em amplas discussões oriundas do processo de internacionalização (Buckley, 1988; 2021), enquanto especificidades históricas sobre o processo de expansão das EMNs ligadas ao colonialismo permanecem pouco exploradas.

Existem algumas contribuições que merecem ser mencionadas. Ao adotar uma perspectiva pós-colonial, levamos explicitamente em consideração o papel da atividade moderna de NI e colocamos em xeque suas contribuições em uma perspectiva crítica. Nossa pesquisa contribui para estudos críticos de NI, uma vez que a literatura crítica está amadurecendo no sentido de encaminhar este campo para um próximo nível (por exemplo, Dörrenbächer & Gammelgaard, 2019; Roberts & Dörrenbächer, 2012, 2014). Essa literatura ainda está entrando em sua juventude, marcando um passo significativo no surgimento há muito atrasado de estudos críticos como perspectivas alternativas sobre a nova ordem global (Murphy, 2006). Contribuímos, para tanto, com uma análise crítica sob as lentes do pós-colonialismo na identificação das principais contribuições do NI em uma economia moderna e globalizada. Ampliamos estudos anteriores (Boussebaa et al., 2014; Westwood & Jack, 2007), revisando criticamente a literatura de NI para desvendar como esse campo está vinculado a legados pós-coloniais (Glaister et al., 2020). Distintamente, respondemos assim a um apelo em prol de um maior número análises críticas (Buckley, 2021). Acreditamos que uma revisão crítica ajudará a preencher a lacuna citada, acelerando a pesquisa no campo do NI. Com isso, considerando a lente do pós-colonialismo, continuamos avançando nesta literatura na esperança de esclarecer e fornecer novos insights para estudos posteriores.

O artigo está estruturado da seguinte forma: A Seção 2 fornece brevemente os fundamentos teóricos; na seção 3, propomos os métodos de pesquisa que nortearam nosso estudo; a seção 4 detalha os resultados; a Seção 5 discute os principais achados e conecta nossa revisão com novas perspectivas para uma futura agenda de pesquisa, e, finalmente, a seção 6 apresenta as principais conclusões.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O campo dos estudos críticos inclui diferentes grupos de pesquisa e teorias que oferecem e compartilham suas características discursivas (Alvesson & Deetz, 2000). As raízes da perspectiva crítica datam da década de 1920, iniciadas por um grupo de marxistas alemães heterodoxos que formaram a Escola de Frankfurt e influenciaram significativamente o pensamento ocidental, principalmente considerando temas filosóficos. Os estudos críticos sustentam uma força

intelectual contrária às teorias sociais ortodoxas que legitimam a administração tecnocrática da sociedade industrial moderna e avançada (Adler et al., 2007). Além disso, Adler et al. (2007) e Mandiola (2010) defendem que o papel da perspectiva crítica não se dirige à má gestão, mas sim, ao sistema empresarial e às formas de gestão que permitem a sua perpetuação.

Tradicionalmente, os estudos críticos no campo do NI retornam às críticas à burocracia e ao capitalismo com a premissa de que essas estruturas exercem poder e controle sobre o processo e as relações de trabalho perpetuando e legitimando as formas atuais de sociedade – capitalismo, patriarcado, racismo, colonialismo, imperialismo e produtividade (Adler et al., 2007; Fatehi & Taasobshirazi, 2020). Sem surpresa, várias linhas de pesquisa em estudos críticos têm surgido, resultando em um campo difuso e multifacetado que, como observado em muitos outros campos científicos, apresenta inconsistências. A definição do que é crítico nesses estudos tem sido objeto de considerável debate, resultando em dificuldade de sintetizar a literatura e definir o que é verdadeiramente crítico (ver Dörrenbächer & Gammelgaard, 2019). Portanto, entendemos que não é possível abranger toda a literatura sobre todos os tipos de estudos críticos em uma única pesquisa.

Por essa e outras razões, torna-se importante definir os limites da análise bem como a terminologia “crítica” utilizada nesta pesquisa. Consistente com a definição de outros estudos (ver Adler et al., 2007; Boussebaa & Morgan, 2014; Dörrenbächer & Gammelgaard, 2019), notamos que o NI pode ser discutido criticamente considerando uma perspectiva pós-colonial (Boussebaa et al., 2014; Westwood & Jack, 2007). Ao fazer isso, optamos por ser mais inclusivos na definição do que é crítico, uma vez que parece mais proveitoso focar em uma constelação relativamente pequena de fatores em NI de uma perspectiva pós-colonial. Portanto, o pós-colonialismo condiz com nosso objetivo, uma vez que as atividades do NI estão fortemente relacionadas a eventos históricos, como é o caso do colonialismo (Boussebaa & Morgan, 2014; Glaister et al., 2020).

MÉTODOS DE PESQUISA

A revisão crítica se deu por meio de uma abordagem de seleção da literatura científica que permitiu captar estudos relevantes em duas vertentes: o campo clássico de estudos críticos sobre NI e periódicos específicos. Primeiro, buscamos artigos nas áreas de economia e gestão de negócios com base em um conjunto comum de palavras-chave, em inglês – “colonial” ou “postcolonial” ou “neo-colonial” e “imperialism” ou “neo-imperialism” (por exemplo, Adler et al., 2007; Boussebaa & Morgan, 2014; Dörrenbächer & Gammelgaard, 2019). Em segundo lugar, selecionamos o termo “international business” para todos os campos de busca de artigos, com o objetivo de identificar os que abordam qualquer tipo de pesquisa envolvendo negócios internacionais (NI).

Recuperamos artigos do *Science Citation Index Expanded* (SCI-Expanded), *Social Science Citation Index* (SSCI) e *Emerging Sources Citation Index* – ESCI (que contém periódicos

relevantes, como por exemplo o CPoIB) e da *Web of Science Core Collection*, explorando desde a data inicial disponível no mecanismo de busca até o dia 31 de março de 2022. Vale ressaltar que existem revistas específicas voltadas para estudos críticos no campo do NI, como é o caso da “CPoIB,” que é um periódico referência, revisado por pares, de alta qualidade, e composta por uma lista abrangente dos artigos mais importantes sobre estudos críticos no campo do NI (Cairns, 2019). Os outros motores de busca científica utilizados também são reconhecidos pela sua maior abrangência, rigor, confiabilidade, alto fator de impacto e aprovação internacional em todos os domínios científicos.

Os resultados da pesquisa foram inseridos no gerenciador de referências Mendeley, com o intuito de organizar objetivamente cada artigo, evitando a exclusão de itens importantes com a utilização de qualquer outro método. Removendo todas as ambiguidades e aplicando critérios, chegamos a um número total de 6.570 artigos. Para padronização e manutenção da qualidade da análise, consideramos apenas artigos submetidos a revisão por pares no formato duplo-cego, escritos em inglês (excluindo capítulos, livros, trabalhos apresentados em simpósios e publicados em anais de conferências). Além disso, artigos não pertinentes ao campo de NI ou que não apresentaram quaisquer das palavras-chave pré-selecionadas foram excluídos. A revisão do texto completo nos permitiu excluir alguns outros artigos que não estavam em concordância com o objetivo. Após uma última triagem, a amostra resultou em um total de 49 artigos pertinentes (estudos teóricos e empíricos). A lista dos selecionados pode ser encontrada na Tabela 1.

Tabela 1. Síntese de estudos relacionando NI e pós-colonialismo

Autor(es)	Publicação	Pontos-chave/principais descobertas
Banerjee e Linstead (2001)	Organization	A emergência de uma cultura global marca a transformação para uma cultura de consumo, na qual a gestão bem-sucedida da diversidade efetivamente perpetua o colonialismo global.
Cairns (2005)	CPoIB	Expõe exemplos da literatura gerencial sobre desafios de “boas” práticas de gerenciamento por meio do envolvimento com uma variedade de textos específicos da disciplina.
French e Wokutch (2005)	Business Ethics Quarterly	O trabalho infantil na indústria do calçado está integrado à ordem global. Os esforços para acabar com este trabalho foram frustrados pelos habitantes locais; Os americanos veem isso como uma conduta perigosa, enquanto os locais a veem como uma atividade benigna.
Daye (2009)	Journal of Business Ethics	As EMNs em Fiji devem conduzir seus negócios de forma a agregar genuinamente valor econômico, evitando causar danos sociais.
Kaplinsky e Morris (2009)	European Journal of Development Research	Os países da África Subsaariana devem maximizar as oportunidades adotando uma resposta igualmente integrada e focada aos investidores chineses que procuram aproveitar os recursos naturais.
Westwood e Jack (2007)	CPoIB	Eles descobrem que o campo está atualmente aprisionado dentro de uma localização paradigmática e institucional limitada e limitante.
Faria et al. (2010)	CPoIB	O diálogo interdisciplinar ultrapassa as fronteiras estabelecidas pelo “centro” e impostas aos subalternos. Isso pode ser tomado como uma forma particular de colocar em prática uma perspectiva latina decolonial.

Continua

Tabela 1. Síntese de estudos relacionando NI e pós-colonialismo

Autor(es)	Publicação	Pontos-chave/principais descobertas
Guedes e Faria (2010)	CPoIB	A crítica de uma perspectiva universal que não diferencia negócios internacionais e gestão internacional na literatura anglo-americana é importante, mas restringe a avaliação nos âmbitos nacional e regional.
Ibarra-Colado et al. (2010)	CPoIB	Apresentar perspectivas latinas para quebrar o ponto de vista universalista do sistema de gestão de conteúdo, introduzindo uma posição geopolítica "pluriversalista" para considerar projetos alternativos à globalização neoliberal.
Mandiola (2010)	CPoIB	Propõe uma nova articulação do conceito de libertação como uma resposta de resistência frente a uma nova forma de opressão nos assuntos latinos atuais.
McKenna (2011)	Organization	O discurso do (neo)colonialismo na construção do Outro no contexto de uma visão da China e da Índia de desenvolvimento e progresso, embora os líderes norte-americanos condenem seus sistemas exploradores sociais e econômicos.
Roberts e Dörrenbächer (2012)	CPoIB	Fazem um balanço das reflexões recentes sobre se o futuro do NI é útil para determinar possíveis tópicos para futuras contribuições ao CPoIB.
Selmier e Oh (2012)	Business Horizons	A Linguagem nos negócios internacionais mostra uma hierarquia, sendo o inglês o mais barato entre os principais idiomas comerciais.
Boussebaa e Morgan (2014)	CPoIB	Há uma falta de "criticidade" na pesquisa de contexto/poder e falta de atenção ao caráter neo-imperial das EMNs com relação específica à sua gestão e organização.
Boussebaa et al. (2014)	Journal of International Business Studies	A "inglesização" corporativa não apenas supera ou, inversamente, piora os problemas de comunicação transnacional; também (re)produz relações de poder de estilo colonial entre a "Anglo-esfera" e o "Resto".
Geppert e Dörrenbächer (2014)	International Journal of Management Reviews	É necessária uma perspectiva mais micropolítica e com foco nos microfundamentos das relações de poder nas EMNs.
Aguilera et al. (2017)	Journal of World Business	A América Latina está gerando novas ideias que contribuem para uma melhor compreensão de como o país de origem molda o comportamento das empresas.
Barnard et al. (2017)	Management and Organization Review	As empresas na África enfrentam desafios (ou seja, condições extremas) e oportunidades (laboratório para modificar as teorias atuais).
Boussebaa e Brown (2017)	Organization Studies	A "inglesização" é um processo de normalização, vigilância e trabalho identitário conformista, servindo como ferramenta para disciplinar os entes locais em consonância com o imperativo da competitividade internacional.
Liou e Rao-Nicholson (2017)	International Business Review	Os laços coloniais têm um impacto negativo no desempenho operacional a longo prazo dos adquirentes sul-africanos.
Meyer (2017)	Multinational Business Review	Dois conjuntos de preocupações do movimento antiglobalização: a distribuição desigual dos benefícios da globalização e as restrições emergentes à soberania nacional.
Michailova et al. (2017)	Global Strategy Journal	O etnocentrismo pode existir no NI e é necessário repensá-lo e mostrar implicações para a pesquisa de estratégia global.
Mol et al. (2017)	Global Strategy Journal	A África recebeu atenção limitada no passado e agora oferece uma oportunidade para desafiar as teorias existentes.

Continua

Tabela 1. Síntese de estudos relacionando NI e pós-colonialismo

Autor(es)	Publicação	Pontos-chave/principais descobertas
Stevens e Newenham-Kahindi (2017)	Global Strategy Journal	A legitimidade do país de origem com o país anfitrião está afetando as EMNs chinesas na África Oriental em face do risco político.
Abdelrehim et al. (2018)	Business History	Há uma persistência de modos coloniais de organização após a descolonização no sul da Ásia.
Abugre (2018)	CPoIB	O aluguel e a busca de recursos usados pelas EMNs são pontos centrais para os riscos "manufaturados", e isso cria um impacto negativo na África pós-independente.
Adams et al. (2018)	CPoIB	Os riscos (ou seja, linguagem, cultura) decorrentes de práticas e estratégias comerciais de aluguel e busca de recursos usadas pelas EMNs afetam negativamente a África pós-independente.
Alcaraz e Salamanca (2018)	Review of International Business and Strategy	A migração internacional que vai da UE e América do Norte para a região latina está relacionada com a internacionalização das empresas e sua localização.
Stringer e Michailova (2018)	Multinational Business Review	A escravidão moderna nas CVGs é um desafio complexo para a governança das EMNs, abrindo caminhos que permitem a escravidão moderna.
Wanderley e Celano (2018)	CPoIB	Há uma relação pós-colonial entre as EMNs brasileiras como detentoras do poder dos recursos na Bolívia, embora o Brasil nunca tenha colonizado aquele país.
Reyes et al. (2019)	Multinational Business Review	Enquanto as empresas estrangeiras são cautelosas quanto ao transbordamento para as empresas do país anfitrião, o OFDI na América Latina mostra uma dependência histórica de commodities e recursos naturais.
Burmester et al. (2019)	CpoIB	A escravidão moderna é um desafio de governança multinível. A compreensão dos diferentes papéis das EMNs na governança contribui para a redução da sua incidência.
Cairns (2019)	CPoIB	O autor apoia a pesquisa e a atividade do NI, que é sustentada pelo pensamento de informar esta ação para o bem da sociedade em geral.
Dörrenbächer e Gammelgaard (2019)	CPoIB	A pesquisa crítica de NI pode ser dividida em cinco tópicos principais: posicionamento da pesquisa crítica de NI, estudos pós-coloniais de NI, efeitos das atividades de NI, financeirização, crise financeira global, "Black IB" e responsabilidade social corporativa.
Meouloud et al. (2019)	Management and Organization Review	Empresas africanas francófonas se internacionalizando primeiro para a França, uma influência persistente dos laços coloniais.
Fatehi e Taasoobshirazi (2020)	Thunderbird International Business Review	Os problemas econômicos e financeiros modernos do capitalismo deixaram bem claro que o capitalismo desenfreado pode não produzir a prosperidade proclamada.
Glaister et al. (2020)	Management International Review	Laços coloniais anteriores estão positivamente relacionados ao IFDI (Inward FDI) de colonizadores para ex-colônias.

Continua

Tabela 1. Síntese de estudos relacionando NI e pós-colonialismo

Conclusão

Autor(es)	Publicação	Pontos-chave/principais descobertas
Sayed e Agndal (2020)	Culture and Organization	Mecanismos socioideológicos e tecnocráticos de controle permitem que trabalhadores subsidiários elevem seu status, ao mesmo tempo em que consolidam seu papel de dominados na hierarquia global, silenciando qualquer resistência.
Storgaard et al. (2020)	Organization Studies	O neocolonialismo é um meio pelo qual a identidade é trabalhada na sede da multinacional.
Osei et al. (2020)	CPoIB	Os laços coloniais têm influência limitada no fluxo de FDI para Gana, apesar dos legados institucionais entre colonizadores e colônias.
Yeganeh (2020)	CPoIB	As grandes EMNs agravam a crescente desigualdade econômica de diferentes maneiras, contribuindo para a instabilidade social e financeira.
Boussebaa (2021)	CPoIB	A gestão transcultural e os estudos sensíveis à cultura de NI focaram quase exclusivamente nas diferenças culturais, enquanto pouca atenção foi dedicada ao fenômeno da globalização cultural impulsionada pelas corporações.
Das (2021)	CPoIB	Adquirentes da China buscam ativos estratégicos, com compra gradual e com vistas a assumir o controle durante a pandemia e pré-pandemia.
Dörrenbächer et al. (2021)	CPoIB	Oferece contribuições de três clusters, "releitura da crise", "protecionismo da crise" e "estratégias firmes durante a pandemia".
Konara e Wei (2021)	International Marketing Review	A linguagem tem um efeito negativo no desempenho subsidiário, enquanto a distância cultural se torna mais forte quando a diferença de idioma é menor (ou seja, inglês).
Iwashita (2022)	International Business Review	As EMNs têm necessidade de usar a linguagem do país de origem não apenas por causas étnicas, mas também por suas visões pós-coloniais.
Jacob et al. (2022)	European Management Review	As EMNs de países desenvolvidos gerenciam estrategicamente seu contexto institucional.
Sayed e Agndal (2022)	CPoIB	Forneceu três ferramentas de controle neocolonial baseadas em sistemas de informação adotados pela terceirização offshore do trabalho de P&D.
Robb e Michailova (2023)	Review of International Business and Strategy	Identificou quatro narrativas de EMN e três abordagens para responder à escravidão moderna.

Fonte: Elaborada pelos autores.

RESULTADOS

Contribuições dos Negócios Internacionais sob a perspectiva do pós-colonialismo

A teoria tradicional do NI é apoiada pela teoria da internacionalização (Hymer, 1960; Johanson & Vahlne, 1977) e pelo paradigma eclético (Dunning, 1998), sendo que ambas as abordagens consideram as vantagens relacionadas a especificidades da empresa ou de sua estrutura de propriedade (Buckley, 1998, 2021). Vários estudiosos (por exemplo, Banerjee & Linstead, 2001; Cairns,

2005; Faria et al., 2010), em resposta ao discurso de um mundo globalizado, homogêneo e sem polaridades, têm reconhecido que essas formas de negócios perpetuam as práticas do colonialismo. O colonialismo é uma perspectiva histórica (Boussebaa & Morgan, 2014), entendido como um sistema global contemporâneo de poder econômico hegemônico sob um capitalismo tardio, baseado em uma forma fortemente proativa e agressiva de estratégia para explorar os recursos naturais de outras localidades (Westwood & Jack, 2007). Por exemplo, essa prática tem seu primeiro registro quando adotada pela Companhia Britânica das Índias Orientais, sem dúvida a primeira multinacional global, após os comerciantes holandeses e portugueses expandirem suas redes para a Ásia (Meyer, 2017).

Assim, uma vez que a elite dominante administra o discurso hegemônico da globalização, ele acaba por replicar várias formas de colonialismo incluindo a homogeneização política, o favoritismo e benefícios locais para as EMNs, incorporando essas elites em estruturas globais e excluindo e marginalizando grupos étnicos (Banerjee & Linstead, 2001). No entanto, até hoje, as longas tradições coloniais e suas estruturas de dominação não desapareceram e continuam a reverberar profundamente de forma cultural e material. Assim, com base na análise, organizamos quatro principais categorias específicas para discutir suas contribuições para os estudos de NI sob a perspectiva do pós-colonialismo, que compõem a estrutura desta seção.

Linguagem

Linguagem e colonialismo são tópicos centrais nos estudos de NI. De modo geral, os pesquisadores exploraram os laços linguísticos entre colônia e colonizador, uma vez que a língua pode exercer forte influência, observando que tais laços ajudam a explicar o OFDI (Investimento Direto Externo) (Alcaraz & Salamanca, 2018). Adams et al. (2017) ajudam a observar essa influência ao observar que a linguagem e a cultura de risco das EMNs, embasadas em estratégias voltadas ao rentismo e a busca por recursos, gerou um impacto negativo na África pós-independente.

Analisando casos da África francófona, Meouloud et al. (2019) concluíram que as empresas de todas as ex-colônias seguem uma trajetória de internacionalização moldada pela fonte (colonizador), que age como uma influência persistente dos laços coloniais. Com base na “inglesização corporativa” dos call centers indianos, Boussebaa et al. (2014) descobriram que as corporações reproduzem relações de poder de estilo colonial entre a “Anglo-esfera” (ou seja, nações de língua inglesa) e o “Resto”. Nesse sentido, a “inglesização” é um processo de normalização, um trabalho de vigilância, que serve para disciplinar os entes locais como uma ordem imperativa da competitividade internacional (por exemplo, Boussebaa & Brown, 2017).

Iwashita (2022) mostrou que as EMNs têm uma grande necessidade de usar a língua do país de origem não apenas por causas étnicas, mas também por suas visões pós-coloniais. Isso nos leva a argumentar que, de modo geral, as EMNs tentam impor seu idioma, principalmente quando se trata da língua inglesa. Por exemplo, o trabalhador africano lida com diversas línguas, inclusive a “imposta” no trabalho (Abugre, 2018). Nesse sentido, as diferenças de idioma podem ter um efeito negativo no desempenho da subsidiária (Konara & Wei, 2021). De fato, a língua

inglesa apresenta uma hierarquia e, na melhor das hipóteses, é a mais barata entre as línguas comerciais (Selmier & Oh, 2012).

No geral, pode-se observar que a linguagem tem uma grande influência nas práticas de negócios. Hoje, os vestígios do colonialismo perduram entre os países. No entanto, nosso entendimento ainda é bastante limitado a respeito de tal dominação, como é o caso da “inglesização” sobre as línguas nativas em economias emergentes. Alguns estudos enfocaram o idioma como determinante nas atividades das multinacionais. No entanto, alguns efeitos da linguagem no comportamento humano ainda precisam ser pesquisados com mais detalhes. Criticamente isso, sem dúvida, resulta em impactos severos nas sociedades. Acreditamos assim que parte dessa questão está ligada às EMNs e ao principal domínio linguístico no processo de globalização.

Escavidão

Outros estudiosos concentram-se na relação entre escravidão e EMNs. Por sua própria natureza, a escravidão é uma aberração histórica (Burmester et al., 2019). Várias economias emergentes ainda apresentam uma grande cicatriz da colonização selvagem realizada pelos impérios colonizadores.

Ao longo dos anos, estudos continuam mostrando como as empresas de economias emergentes apresentam condições de trabalho análogas à escravidão e como as EMNs exploram fortemente os recursos materiais das colônias (Boussebaa & Morgan, 2014). Um exemplo crítico é o aumento massivo do trabalho infantil, especialmente durante a pandemia da Covid-19 (Wuilbercq, 2021). Os países da Europa Ocidental se beneficiaram muito da África desde os tempos da escravidão, explorando fortemente as pessoas (Stevens & Newenham-Kahindi, 2017) e, na América Latina, os recursos naturais, como ouro e prata (Aguilera et al., 2017). Nos dias atuais muitas EMNs foram acusadas de beneficiar-se do trabalho infantil na região africana do Congo, operando na mineração do cobalto que é utilizado na fabricação baterias de íon-lítio, que por sua vez é aplicada a veículos elétricos para a elite. Esta é apenas a ponta do iceberg dos resquícios sombrios do colonialismo.

Além disso, Stringer e Michailova (2018) explicam que a escravidão moderna pode se infiltrar, persistir e prosperar nas cadeias de valor globais (CVGs) das EMNs devido a falhas institucionais do país anfitrião, que são desafios inerentemente complexos enfrentados pela governança destas. A história se repete em outros países (por exemplo, no Brasil) e a escravidão infantil pode ser encontrada em muitos ramos da indústria, especialmente de calçados, que estão intimamente integradas à ordem global (French & Wokutch, 2005). Criticamente, as economias emergentes têm um desenvolvimento institucional fraco (por exemplo, sistema regulatório frágil) (Peng, 2003) e tais falhas institucionais permitem as EMNs a exploração ou aquisição de recursos da escravidão.

Conforme observado, a escravidão moderna ocorre de várias formas no bojo do processo de globalização e expansão das multinacionais por entre os países (Robb & Michailova, 2023). Como ilustração, após ações judiciais e pressões da mídia, a Nestlé aumentou a atenção ao programa

do “plano do cacau” com esforços que incluem o registro de cacau “livre de trabalho escravo.” De fato, a Nestlé foi uma das primeiras EMNs a dedicar esforços para resolver o problema, no entanto, tal esforço é custeado pelos consumidores que pagam impostos e com isso financiam o envolvimento dela no processo de formulação de políticas (Burmester et al., 2019). No geral, o trabalho de pesquisa nessa área é relativamente robusto. Criticamente, concebemos que as sombras da escravidão persistem de várias maneiras na sociedade moderna, especialmente aquelas indiretamente conduzidas por EMNs.

Mecanismos de controle

O ritmo de internacionalização e controle das subsidiárias é outro comportamento moldado pelo colonialismo. No geral, a sede da EMN (o colonizador) molda a identidade das subsidiárias (o colonizado) (Storgaard et al., 2020). Wanderley e Celano (2018) encontraram uma relação pós-colonial entre as sedes de empresas brasileiras e as subsidiárias na Bolívia, embora o Brasil nunca tenha colonizado o país. Na Índia, empresas de serviço têm comportamento semelhante. Sayed e Agndal (2020) destacam a natureza ambivalente da empresa global, sugerindo que estas oferecem a oportunidade para que as unidades periféricas se tornem iguais às centrais, com rotinas coercitivas e universalizantes. Este é um forte indício do papel das EMNs ocidentais na globalização cultural (Boussebaa, 2021).

Nesse sentido, tal comportamento é questionado por Geppert e Dörrenbacher (2014) como as regras do jogo ou “quem as define e até que ponto os principais atores subsidiários estão envolvidos nesse processo”. Isso porque a legitimidade interna das subsidiárias, talvez, tenderá a priorizar estratégias de ponte sociocultural junto à rede intra-EMNs devido aos efeitos de mudanças externas (Jacob et al., 2022). Especificamente, os estudos enfatizam ainda mais o uso de ferramentas neocoloniais de controle, como os sistemas de informação (SI). Como exemplo, empresas ocidentais utilizam o SI no controle e molde de relacionamentos. Ele permite a vigilância remota e em tempo real de organizações indianas de pesquisa da indústria farmacêutica (Sayed & Agndal, 2022).

Os mecanismos de controle arraigados na sociedade trazem lembranças do colonialismo, mesmo que sejam muitas vezes invisíveis e difíceis de determinar na prática. Eles ressoam em uma imagem moderna de colonização em que a presença física não é mais necessária no controle dos indivíduos. No geral, pode-se dizer que vários aspectos dos mecanismos de controle estão ligados entre as EMNs e suas subsidiárias.

Imperialismo e Capitalismo

Muitos estudiosos observaram como o capitalismo das nações imperiais impactou a atividade de NI. Fatehi e Taasobshirazi (2020) explicam que o fim do comunismo alterou a natureza da rivalidade entre as grandes potências e a transformou de guerra político-militar em guerra político-econômica. Westwood e Jack (2007) criticam os EUA como uma potência neocolonial,

não apenas devido ao domínio colonial baseado na conquista militar e ocupação física das nações, mas ao seu poder econômico, cultural e político exercendo considerável influência sobre outras sociedades. Parece razoável argumentar que a supremacia capitalista continua sendo a única opção viável para gerir a economia, no entanto, o capitalismo desenfreado pode não produzir a prosperidade proclamada no plano liberal (Fatehi & Taasobshirazi, 2020).

Recentemente vemos um movimento contrastante: o colonialismo Russo ou o império Russo e a guerra na Ucrânia. Este evento desencadeou um conflito mais moderno e polido entre as nações imperiais. Ele pode ser observado na pressão ucraniana às EMNs para retaliar, impor sanções e boicotar a Rússia. Para ilustrar, a lanchonete McDonald's, dada como um símbolo da queda da cortina de ferro e operando desde 1990, deixou a Rússia em 12 de junho de 2022. No entanto, isso não impediu a Rússia de abrir seu próprio "McDonald's", batizado de "Vkusno i tochka" (ou, Delicioso e ponto final). Assim, observamos a antiga "guerra contra o neocolonialismo ocidental" da velha Rússia, um fogo do passado que não se apaga.

Além disso, a pandemia de COVID-19 expôs legados coloniais arraigados e comentários racistas enraizados sobre a África (Dörrenbächer et al., 2021). Por exemplo, Dörrenbächer et al. (2021, p. 9) explicaram que, em abril de 2020, dois médicos franceses (Jean-Paul Mira e Camille Lochet) em uma discussão na TV sobre os testes da Covid-19 na Europa e na Austrália apresentaram uma declaração de usar a África como laboratório de testes para o Ocidente. Nesse sentido, apontaram que as vacinas COVID devem ser testadas primeiro na África "onde não há máscaras, nem tratamentos, nem reanimação. Criticamente, podemos complementar a essa prática racista das nações do Império que a África nunca foi uma prioridade das maiores EMNs farmacêuticas durante a pandemia da Covid-19. Além disso, um forte comportamento racista emergiu dos países desenvolvidos quando expuseram suas dúvidas sobre a qualidade das vacinas produzidas pelas economias em desenvolvimento (por exemplo, Índia e China). Portanto, a abordagem descoordenada faz com que a pandemia perdure por mais tempo do que se realmente a enfrentássemos juntos (Dörrenbächer et al., 2021).

Como observado, este último aspecto pós-colonial diz respeito ao poder do imperialismo e do capitalismo sobre outras nações. Assim, o colonialismo é um modelo de império adotado e replicado por várias nações. Dito isso, ainda há uma grande disputa pelo poder hegemônico mundial. Nesse contexto, as EMNs estão onipresentes, com amplo domínio entre as nações, o que pode acelerar as disputas conflitantes de poder entre as mais fortes.

DISCUSSÃO E DIREÇÕES PARA PESQUISAS FUTURAS

Com o processo de globalização, as EMNs contribuíram para a mudança do cenário internacional de negócios (Johanson & Vahlne, 1977, Dunning, 1998). No entanto, o colonialismo persistiu, e pode ter crescido ao longo do tempo. Evidências empíricas sugerem que os laços coloniais anteriores estão positivamente relacionados ao FDI interno (Investimento Estrangeiro Direto) dos colonizadores para suas ex-colônias na África (Glaister et al., 2020). Ao examinar a relação

histórica entre Gana (ou seja, ex-colônia) e o Reino Unido (ou seja, ex-colonizador), Osei et al. (2020) identificou que alguns remanescentes das empresas britânicas dos tempos coloniais ainda estão operando ativamente por lá. Complementarmente, Liou e Rao-Nicholson (2017) documentaram que o desempenho das empresas sul-africanas aumenta após a aquisição e se beneficia do histórico de colonização, mitigando a distância institucional. Em suma, o colonialismo ainda desempenha um papel importante na formação dos negócios africanos.

Além disso, Yeganeh (2020) aponta que as EMNs dominam o cenário econômico global e se beneficiam de seus recursos para desenvolver vantagens competitivas sofisticadas e lucros contra rivais menores em detrimento dos trabalhadores locais. Por exemplo, embora as EMNs tenham contribuído claramente para a economia de Fiji, Daye (2009) explica que elas provavelmente não iniciarão ações que beneficiem o país num curto prazo. O autor alerta que existem circunstâncias institucionais do colonialismo em Fiji e que os governos devem pressionar as EMNs para aliviar as desigualdades sociais (por exemplo, com adequação salarial), uma vez que os códigos de conduta universalistas e abstratos das EMNs não são eficientes em todos os casos. Entendemos que a falta de clareza nesses códigos pode possivelmente traçar um caminho para a escravidão moderna em países pobres, especialmente por CVGs governadas por EMNs (Stringer & Michailova, 2018).

Além disso, as EMNs ainda estão preocupadas com suas vantagens locais. Reyes et al. (2019) mostraram que, embora as empresas estrangeiras sejam cautelosas com o efeito transbordamento sobre as empresas do país anfitrião, o investimento estrangeiro direto na América Latina mostra uma dependência histórica dos recursos naturais da região. Enquanto as empresas estrangeiras visam a competitividade global e a participação no mercado, as nacionais se baseiam em recursos. Boussebaa e Morgan (2014) argumentam que ainda há um grande espaço para explorar a história das EMNs e do empreendimento imperial do passado, incluindo o papel dos recursos materiais e a formação dos quadros institucionais das colônias. Isso é interessante, pois mesmo países sem laços históricos pós-coloniais, como a China (McKenna, 2011), estão ostentando uma posição imperial de colonizador empreendendo uma longa campanha de exploração de recursos naturais e mão de obra na África (Kaplinsky & Morris, 2009). Inclusive, ainda, a China aproveitou a crise econômica pandêmica e o período pré-pandêmico como base para aquisições estratégicas de busca de ativos e busca de controle (Das, 2021).

Um rico acervo literário sobre estudos críticos de NI tem mapeado a pesquisa neste campo, fornecendo insights relevantes (por exemplo, Dörrenbächer & Gammelgaard, 2019; Roberts & Dörrenbächer, 2012, 2014). Por meio da revisão crítica, nossa pesquisa contribui para essa tarefa, oferecendo alguns caminhos para estudos futuros. Comentamos alguns dos fluxos e insights mais promissores, fornecendo orientações adicionais relacionadas aos quatro tópicos discutidos. Nossas recomendações podem conectar as inconsistências e o que mais merece ser explorado e debatido.

Em relação aos estudos sobre economias emergentes, a África, como laboratório, cresce muito rápido (ver Mol et al., 2017). Além dos desafios (ou seja, condições extremas daqueles países), a região oferece grandes oportunidades para impulsionar as teorias atuais, uma vez

que o colonialismo ainda persiste fortemente e influencia a forma de fazer negócios nas muitas empresas adquiridas na região (Barnard et al., 2017). Tal comportamento precisa ser observado com relação às EMNs e seu etnocentrismo sobrecarregado pela dominação, poder, coordenação e eficiência (Michailova et al., 2017), uma vez que os modos coloniais de organização e etnocentrismo levam tempo para mudar (Abdelrehim et al., 2018). Isso traça rumos interessantes de pesquisa para investigar como os laços coloniais do passado influenciam a maneira de fazer negócios em outros países com o mesmo legado. Glaister et al. (2020), especificamente, afirmaram que para o entendimento dos efeitos da colonização, por exemplo, a duração do período colonial e o período de tempo desde a independência da colônia devem ser considerados para avaliar contingências de FDI na África em relação a outras economias em desenvolvimento (tal como Índia e países latino-americanos).

Além disso, sabemos pouco sobre como países europeus se diferenciam ao utilizar seu poder para manter laços com suas antigas colônias. Como exemplo, a América Latina enfrentou forte colonialismo europeu que influenciou a forma como as EMNs expandiram seus negócios para a região (Aguilera et al., 2017). De fato, existem vários países europeus que exploraram fortemente outros, imbuindo e influenciando sua linguagem, normas, leis, cultura e assim por diante. Conforme ilustrado por Boussebaa (2021), é necessário examinar não apenas o impacto da diferença cultural, mas também como a globalização corporativa molda e constrói normas, práticas e identidades em escala transnacional. Até o momento, poucas pesquisas foram encontradas considerando o motivo pelo qual os colonizadores (por exemplo, colônias britânicas, portuguesas, espanholas e francesas) ainda mostram dependência de trajetória e resiliência em manter atividades comerciais com suas ex-colônias. Portanto, é necessário entender melhor por que algumas nações europeias têm dificuldade em se desvencilhar de seus interesses coloniais.

Além disso, encontramos pouca atenção da literatura aos mecanismos de controle (Storgaard et al., 2020; Wanderley & Celano, 2018). Pesquisas futuras devem analisar os mecanismos neocoloniais de dominação das sedes sobre as subsidiárias das EMNs e suas consequências na atividade gerencial nos países anfitriões. Pesquisas futuras devem examinar o papel do SI na reprodução de padrões históricos de dominância (Sayed & Agndal, 2022) como uma fonte invisível de controle. Recomendamos que pesquisas futuras desenvolvam entrevistas em profundidade (Iwashita, 2022), com funcionários e supervisores de EMNs de diferentes nacionalidades, localizadas em países com história colonial, que podem revelar novos insights. Finalmente, uma questão intrigante para pesquisas futuras é avaliar se os mecanismos de controle são diferentes em economias em desenvolvimento com e sem legados coloniais.

Além disso, é preciso estabelecer uma ligação mais cuidadosa entre a linguagem e os laços coloniais na literatura de NI. Por exemplo, a pesquisa nos dados da empresa e do país ainda adiciona variáveis de linguagem e coloniais de uma maneira *ad hoc* (Konara & Wei, 2021; Reyes et al., 2019). Também é relevante abordar o impacto de outro idioma específico na atividade empresarial, indo além da inglesização. Para estudos qualitativos, sugerimos que os pesquisadores prestem mais atenção à globalização da linguagem (Banerjee & Linstead, 2001). Boussebaa et al. (2014) levantam um conjunto de questões e abrem um caminho importante para os estudiosos

interessados no papel da linguagem no NI, fornecendo um debate frutífero para esse estudo e para os pós-coloniais.

Outro caminho importante para a pesquisa depende de como as CVGs podem ser (tornar-se) um terreno fértil para a escravidão moderna (Robb & Michailova, 2023; Stringer & Michailova, 2018). Argumentamos que usar a perspectiva pós-colonial pode trazer insights interessantes sobre como a escravidão cresce pelas CVGs com o passar do tempo. Então, é necessário contestar a legitimidade das EMNs e identificar seu propósito em muitos aspectos diferentes (Cairns, 2019). De fato, inúmeras oportunidades permanecem, como a Covid-19 em NI como um processo (pós)colonial de dominação (ver Dörrenbächer et al., 2021). A prioridade das vacinas nas nações imperiais e o ceticismo das vacinas chinesas e indianas é um tópico de análise que tem valor investigativo. Os mandatos “*anti-vaxxer*” (antivacinas) das nações imperiais e como isso afeta o NI devem levar a uma discussão promissora. Finalmente, as forças militares não esmoreceram (Fatehi & Taasobshirazi, 2020), portanto, a guerra colonial da Rússia e suas implicações adicionais para os estudos de NI devem justificar um debate considerável no futuro.

CONCLUSÃO

Ao realizar uma avaliação e revisão cuidadosa da literatura, esse artigo procurou fornecer uma análise e síntese da pesquisa teórica e empírica sobre NI a partir da perspectiva crítica do pós-colonialismo. Embora as teorias de NI tenham realizado esforços respeitáveis, avaliamos a literatura criticamente para expor o lado obscuro das práticas de NI. Com base em nossa análise, fornecemos pistas de que a atividade do NI está ligada a comportamentos coloniais históricos dos séculos passados, como a busca de recursos naturais, a exploração humana e o exercício do imperialismo da América do Norte e dos países europeus sobre as economias em desenvolvimento.

Notavelmente, as EMNs contribuíram para a atividade internacional. No entanto, descobrimos que elas podem aproveitar-se dos países menos desenvolvidos, apoiando, mesmo de maneira indireta, atividades ligadas a prática da escravidão, especialmente relacionadas ao trabalho infantil. Outros traços coloniais sugeridos persistiram, como a inglesização, como uma ferramenta comum de poder e dominação linguística. Também observamos que as EMNs e subsidiárias estão ligadas de forma bastante extensa aos seus antigos laços coloniais, estabelecendo mecanismos modernos de controle. Outro tema relevante surgiu durante a pandemia da Covid-19, mostrando claramente o poder do imperialismo e a discriminação contra as vacinas produzidas por economias emergentes, expondo ainda mais marcas coloniais de um passado não tão distante.

Por fim, nossa pesquisa apresenta limitações, ressaltando que uma revisão crítica enfrenta desafios metodológicos consideráveis, já que não é possível dar a mesma ênfase a toda a literatura disponível. Isso abre caminho para estudos futuros continuarem considerando outros métodos de pesquisa e análises mais sofisticadas. Considerando essas questões, esperamos que futuras pesquisas possam levar a novos pensamentos e implicações na literatura de NI.

REFERÊNCIAS

- Abdelrehim, N., Ramnath, A., Smith, A., & Popp, A. (2018). Ambiguous decolonisation: A postcolonial reading of the IHRM strategy of the Burmah Oil company. *Business History*, 63(1), 98-126. <https://doi.org/10.1080/00076791.2018.1448384>
- Abugre, J. B. (2018). Cross-cultural communication imperatives: Critical lessons for Western expatriates in multinational companies (MNCs) in sub-Saharan Africa. *Critical Perspectives on International Business*, 14(2/3), 170-187. <https://doi.org/10.1108/cpoib-01-2017-0005>
- Adams, K., Nayak, B. S., & Koukpaki, S. (2017). Critical perspectives on “manufactured” risks arising from Eurocentric business practices in Africa. *Critical Perspectives on International Business*, 14(2/3), 210-229. <https://doi.org/10.1108/cpoib-11-2016-0058>
- Adler, P. S., Forbes, L. C., & Willmott, H. (2007). Critical management studies. *The Academy of Management Annals*, 1(1), 119-179. <https://doi.org/10.5465/078559808>
- Aguilera, R. V., Ciravegna, L., Cuervo-Cazurra, & Gonzalez-Perez, M. A. (2017). Multilatinas and the internationalization of Latin American firms. *Journal of World Business*, 52(4), 447-460. <https://doi.org/10.1016/j.jwb.2017.05.006>
- Alcaraz, J., & Salamanca, E. (2018). Migration and outward FDI: A double direction approach. *Review of International Business and Strategy*, 28(2), 240-257. <https://doi.org/10.1108/RIBS-12-2017-0114>
- Alvesson, M., & Deetz, S. (2000). *Doing critical management research*. Sage.
- Banerjee, S. B., & Linstead, S. (2001). Globalization, multiculturalism and other fictions: Colonialism for the new millennium? *Organization*, 8(4), 683-722. <https://doi.org/10.1177/135050840184006>
- Barnard, H., Cuervo-Cazurra, A., & Manning, S. (2017). Africa business research as a laboratory for theory-building: Extreme conditions, new phenomena, and alternative paradigms of social relationships. *Management and Organization Review*, 13(3), 467-495. <https://doi.org/10.1017/mor.2017.34>
- Boussebaa, M. (2021). From cultural differences to cultural globalization: Towards a new research agenda in cross-cultural management studies. *Critical Perspectives on International Business*, 17(3), 381-398. <https://doi.org/10.1108/cpoib-01-2020-0003>
- Boussebaa, M., & Brown, A. D. (2017). Englishization, identity regulation and imperialism. *Organization Studies*, 38(1), 7-29. <https://doi.org/10.1177/0170840616655494>
- Boussebaa, M., & Morgan, G. (2014). Pushing the frontiers of critical international business studies: The multinational as a neo-imperial space. *Critical Perspectives on International Business*, 10(1/2), 96-106. <https://doi.org/10.1108/cpoib-11-2013-0046>
- Boussebaa, M., Sinha, S., & Gabriel, Y. (2014). Englishization in offshore call centers: A postcolonial perspective. *Journal of International Business Studies*, 45, 1152-1169. <https://doi.org/10.1057/jibs.2014.25>
- Buckley, P. J. (1988) The Limits of Explanation: Testing the Internalization Theory of the Multinational Enterprise. *Journal of International Business Studies*, 19, 181-193. <http://dx.doi.org/10.1057/palgrave.jibs.8490382>

- Buckley, P. J. (2021). The role of history in international business: Evidence, research practices, methods and theory. *British Journal of Management*, 1-15. <https://doi.org/10.1111/1467-8551.12446>
- Buckley, P. J., & Casson, M. (1976). *The future of the multinational enterprise*. Macmillan Press.
- Burmester, B., Michailova, S., & Stringer, C. (2019). Modern slavery and international business scholarship: The governance nexus. *Critical Perspectives on International Business*, 15(2/3), 139-157. <https://doi.org/10.1108/cpoib-02-2019-0011>
- Cairns, G. (2005). Perspectives on a personal critique of international business. *Critical Perspectives on International Business*, 1(1), 43-55. <http://dx.doi.org/10.1108/17422040510577898>
- Cairns, G. M. (2019). Critical engagement in international business: Creating meaning for a broad constituency. *Critical Perspectives on International Business*, 15(2/3), 262-272. <https://doi.org/10.1108/cpoib-01-2019-0004>
- Das, A. (2021). Predatory FDI during economic crises: Insights from outbound FDI from China and host country responses. *Critical Perspectives on International Business*, 17(2), 321-341. <https://doi.org/10.1108/cpoib-05-2020-0050>
- Daye, R. (2009). Poverty, race relations, and the practices of International Business: A study of Fiji. *Journal of Business Ethics*, 89(1), 115-127. <https://www.jstor.org/stable/27749762>
- Dörrenbächer, C., & Gammelgaard, J. (2019). Critical and mainstream international business research: Making critical IB an integral part of a societally engaged international business discipline. *Critical Perspectives on International Business*, 15(2/3), 239-261. <http://dx.doi.org/10.1108/cpoib-02-2019-0012>
- Dörrenbächer, C., Sinkovics, R. R., Becker-Ritterspach, F., Boussebaa, M., Curran, L., Jonge, A. de, & Khan, Z. (2021). The Covid-19 pandemic: Towards a societally engaged IB perspective. *Critical Perspectives on International Business*, 17(2), 149-164. <http://dx.doi.org/10.1108/cpoib-02-2021-0021>
- Dunning J. H. (1988). The eclectic paradigm of international production: A restatement and some possible extensions. *Journal of International Business Studies*, 19, 1-31. <https://doi.org/10.1057/palgrave.jibs.8490372>
- Faria, A., Ibarra-Colado, E., & Guedes, A. L. (2010). Internationalization of management, neoliberalism and the Latin America challenge. *Critical Perspectives on International Business*, 6(2/3), 97-115. <https://doi.org/10.1108/17422041011049932>
- Fatehi, K., & Taasobshirazi, G. (2020). Contemplating the future: Mutating capitalism. *Thunderbird International Business Review*, 62(2), 161-169. <https://doi.org/10.1002/tie.22113>
- French, L., & Wokutch, R. E. (2005). Child workers, globalization, and International Business ethics: A case study in Brazil's export-oriented shoe industry. *Business Ethics Quarterly*, 15(4), 615-640. <https://doi.org/10.5840/beq200515443>
- Geppert, M., & Dörrenbächer, C. (2014). Politics and power within multinational corporations: Mainstream studies, emerging critical approaches and suggestions for future research. *International Journal of Management Reviews*, 16(2), 226-244. <https://doi.org/10.1111/ijmr.12018>
- Glaister, K. W., Driffield, N., & Lin, Y. (2020). Foreign direct investment to Africa: Is there a colonial legacy? *Management International Review*, 60, 315-349. <https://doi.org/10.1007/s11575-020-00415-w>

- Guedes, A. L., & Faria, A. (2010). International management, business and relations in Latin America. *Critical Perspectives on International Business*, 6(2/3), 145-161. <https://doi.org/10.1108/17422041011049969>
- Hymer S. H. (1960). *The international operation of national firms: A study of direct foreign investment* (Ph.D. dissertation, Massachusetts Institute of Technology). (Published by MIT Press, 1966).
- Ibarra-Colado, E., Faria, A., & Guedes, A. L. (2010). Introduction to the special issue on “Critical international management and international critical management: perspectives from Latin America”. *Critical Perspectives on International Business*, 6(2/3), 86-96. <https://doi.org/10.1108/17422041011049923>
- Iwashita, H. (2022). Language and identity in the shadow: A multi-case study of a Japanese multinational Corporation. *International Business Review*, 31(2), 101913. <https://doi.org/10.1016/j.ibusrev.2021.101913>
- Jacob, D., Svystunova, L., & Rao-Nicholson, R. (2022). MNE post-entry institutional strategies in emerging markets: An organizational field position perspective. *European Management Review*, 19(1), 53-74. <https://doi.org/10.1111/emre.12472>
- Johanson, J., & Vahlne, J.-E. (1977). The internationalization process of the firm: A model of knowledge development and increasing foreign market commitments. *Journal of International Business Studies*, 8, 23-32. <https://doi.org/10.1057/palgrave.jibs.8490676>
- Kaplinsky, R., & Morris, M. (2009). Chinese FDI in Sub-Saharan Africa: Engaging with large Dragons. *European Journal of Development Research*, 21(4), 551-569. <https://doi.org/10.1057/ejdr.2009.24>
- Konara, P., & Wei, Y. (2021). Does language matter to foreign subsidiary performance? *International Marketing Review*, 38(2), 276-299. <https://doi.org/10.1108/IMR-05-2019-0129>
- Liou, R-S., & Rao-Nicholson, R. (2017). Out of Africa: The role of institutional distance and host-home colonial tie in South African Firms’ post-acquisition performance in developed economies. *International Business Review*, 26, 1184-1195. <https://doi.org/10.1016/j.ibusrev.2017.04.010>
- Mandiola, M. P. (2010). Latin America’s critical management? A liberation genealogy. *Critical Perspectives on International Business*, 6(2/3), 162-176. <https://doi.org/10.1108/17422041011049978>
- McKenna, S. (2011). A critical analysis of North American business leaders’ neocolonial discourse: Global fears and local consequences. *Organization*, 18(3), 387-406. <https://doi.org/10.1177/1350508411398728>
- Meouloud, T. A., Mudambi, R., & Hill, T. L. (2019). The Metropolitan effect: Colonial influence on the internationalization of Francophone African firms. *Management and Organization Review*, 15(1), 31-53. <https://doi.org/10.1017/mor.2019.3>
- Meyer, K. E. (2017). International business in an era of anti-globalization. *Multinational Business Review*, 25(2), 78-90. <https://doi.org/10.1108/MBR-03-2017-0017>
- Michailova, S., Piekkari, R., Storgaard, M., & Tienari, J. (2017). Rethinking ethnocentrism in International Business research. *Global Strategy Journal*, 7, 335-353. <https://doi.org/10.1002/gsj.1159>
- Mol, M. J., Stadler, C., & Ariño, A. (2017). Africa: The new frontier for global strategy scholars. *Global Strategy Journal*, 7(1), 3-9. <https://doi.org/10.1002/gsj.1146>

- Murphy, J. (2006). Critical challenges in the emerging global managerial order. *Critical Perspectives on International Business*, 2(2), 128-146. <https://doi.org/10.1108/17422040610661307>
- Osei, C., Omar, M., & Joosub, T. S. (2020). The effect of colonial legacies on Africa's inward FDI: The case of UK FDI in Ghana. *Critical Perspectives on International Business*, 16(3), 259-277. <https://doi.org/10.1108/cpoib-05-2018-0041>
- Peng, M. W. (2003). Institutional transitions and strategic choices. *Academy of Management Review*, 28(2), 275-296. <https://doi.org/10.5465/amr.2003.9416341>
- Reyes, A. B., Newburry, W., Carneiro, J., & Cordova, C. (2019). Using Latin America as a research laboratory: The moderating effect of trade openness on the relationship between inward and outward FDI. *Multinational Business Review*, 27(2), 122-140. <https://doi.org/10.1108/MBR-03-2019-0022>
- Robb, B., & Michailova, S. (2023). Multinational enterprises' narratives about and approaches to modern slavery: An exploratory study. *Review of International Business and Strategy*, 33(2), 199-218. <https://doi.org/10.1108/RIBS-10-2021-0128>
- Roberts, J., & Dörrenbächer, C. (2012). The futures of critical perspectives on international business. *Critical Perspectives on International Business*, 8(1), 4-13. <https://doi.org/10.1108/17422041211197530>
- Roberts, J., & Dörrenbächer, C. (2014). Challenging the orthodox: A decade of critical perspectives on international business. *Critical Perspectives on International Business*, 10, 2-20. <https://doi.org/10.1108/cpoib-12-2013-0053>
- Sayed, Z., & Agndal, H. (2020). Neo-colonial dynamics in global professional service firms: A periphery perspective. *Culture and Organization*, 26(5/6), 425-443. <https://doi.org/10.1080/14759551.2019.1694928>
- Sayed, Z., & Agndal, H. (2022). Offshore outsourcing of R&D to emerging markets: Information systems as tools of neo-colonial control. *Critical Perspectives on International Business*, 18(3), 281-302. <https://doi.org/10.1108/cpoib-07-2020-0089>
- Selmier, W. T., II, & Oh, C. H. (2012). International business complexity and the internationalization of languages. *Business Horizons*, 55(2), 189-200. <https://doi.org/10.1016/j.bushor.2011.11.006>
- Stevens, C., & Newenham-Kahindi, A. (2017). Legitimacy spillovers and political risk: The case of FDI in the African Community. *Global Strategy Journal*, 7, 10-35. <https://doi.org/10.1002/gsj.1151>
- Storgaard, M., Tienari, J., Piekkari, R., & Michailova, S. (2020). Holding on while letting go: Neocolonialism as organizational identity work in a multinational corporation. *Organization Studies*, 41(11), 1469-1489. <https://doi.org/10.1177/0170840620902977>
- Stringer, C., & Michailova, S. (2018). Why modern slavery thrives in multinational corporations' global value chains. *Multinational Business Review*, 26(3), 194-206. <https://doi.org/10.1108/MBR-04-2018-0032>
- Wanderley, S., & Celano, A. (2018). Brazil-Bolivia and a horse trade: A postcolonial case within South America. *Critical Perspectives on International Business*, 14(4), 426-441. <https://doi.org/10.1108/cpoib-11-2016-0048>

- Westwood, R., & Jack, G. (2007). Manifesto for a post-colonial international business and management studies. *Critical Perspectives on International Business and Management Studies*, 3(3), 246-265. <https://doi.org/10.1108/17422040710775021>
- Wuilbercq, E. (2021, June). *Child labour rises globally for the first time in decades*. Retrieved from <https://www.reuters.com/article/global-childlabour-idUSL5N2NQ0NK>
- Yeganeh, H. (2020). A critical examination of the social impacts of large multinational corporations in the age of globalization. *Critical Perspectives on International Business*, 16(3), 193-208. <https://doi.org/10.1108/cpoib-01-2019-0001>

AGRADECIMENTOS

Os autores gostariam de agradecer ao Editor-chefe Jorge Carneiro e ao Editor Associado, Professor Dr. Jens Gammelgaard, da Copenhagen Business School, por todos os comentários e sugestões construtivas. Os autores também agradecem aos dois revisores anônimos durante o processo por seus comentários perspicazes, que contribuíram significativamente para melhorar a qualidade deste artigo.

FINANCIAMENTO

Este trabalho foi parcialmente financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e código de financiamento 001 e parcialmente financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) Proc. 152060/2022-7.

CONFLITOS DE INTERESSE

Os/as autores/as não têm conflitos de interesse a declarar

CONTRIBUIÇÃO DOS/DAS AUTORES/AS

Nádia Campos Pereira Bruhn: Redação – rascunho original, Conceituação, Supervisão, Visualização, Validação.

Marco Túlio Dinali Viglioni: Redação – rascunho original, Conceituação, Investigação, Metodologia, Análise Formal, Redação – revisão e edição.

Juciara Nunes de Alcântara: Redação – rascunho original, Conceituação, Supervisão, Visualização, Validação.

Mariane Figueira: Redação – rascunho original, Conceituação, Supervisão, Visualização, Validação.

Cristina Lelis Leal Calegario: Supervisão, Visualização, Validação.